

Projeto Criança: Ler e Escrever com prazer

Alice Alves da Silva (EMEB) - alice.silva@pbh.gov.br

Marília Lúcia de Paiva Andrade (EMEB) - marilia.andrade@pbh.gov.br

Maria das Dores Rodrigues Maciel (EMEB) - maria.maciel@pbh.gov.br

Adeilde Aparecida Peres (EMEB) - de.peres@pbh.gov.br

Rosiane Maura Candida Nascimento (EMEB) - rosianemauro@hotmail.com

Resumo:

A associação entre leitura e escrita é uma das grandes preocupações dos educadores que trabalham no ensino fundamental. Ora enfatiza-se um dos aspectos, ora outro. Há sim, uma certa ansiedade em se exigir da criança uma boa leitura e uma grafia correta. A proposta do presente trabalho é não só aliar o ensino da leitura e escrita de forma concomitante e em sintonia, como também utilizar-se dos recursos do teatro como facilitador do processo. Nesta perspectiva a criança foi se apropriando das habilidades de leitura e escrita de forma lúdica e prazerosa, permitindo ao professor resultados mais atraentes para o desenvolvimento do seu trabalho.

Palavras-chave: *Leitura. Escrita. Arte e educação. Teatro no fazer pedagógico.*

Área temática: *Bibliotecas Escolares*

Projeto Criança: Ler e Escrever com prazer

Resumo:

A associação entre leitura e escrita é uma das grandes preocupações dos educadores que trabalham no ensino fundamental. Ora enfatiza-se um dos aspectos, ora outro. Há sim, uma certa ansiedade em se exigir da criança uma boa leitura e uma grafia correta. A proposta do presente trabalho é não só aliar o ensino da leitura e escrita de forma concomitante e em sintonia, como também utilizar-se dos recursos do teatro como facilitador do processo. Nesta perspectiva a criança foi se apropriando das habilidades de leitura e escrita de forma lúdica e prazerosa, permitindo ao professor resultados mais atraentes para o desenvolvimento do seu trabalho.

Palavras-chave: Leitura. Escrita. Arte e educação. Teatro no fazer pedagógico.

Área Temática V: Bibliotecas Escolares

1 – INTRODUÇÃO

Nossa escola está situada na região de Venda Nova, periferia da cidade de Belo Horizonte – MG. Atende alunos do 1º e 2º Ciclos do Ensino Fundamental, com idades entre 6 e 12 anos. A escola tem um histórico de preparar bem seus alunos, pois se preocupa não só com a formação, mas acima de tudo com a inserção destes na sociedade como sujeitos modificados.

Fomos convidadas para participar do Projeto Criança. Na proposta encontros de formadores, multiplicadores e lideranças fora de Belo Horizonte. Duas professoras foram sorteadas e se prepararam para a viagem.

No retorno fizeram o repasse. O espaço estava preparado: mesas enfeitadas, projeção de filme, música, muita motivação. As palavras de ordem do dia eram Clube de Leitura, Diário de Bordo, Arte e Educação, Leitura de Clássicos.

As informações foram recebidas com uma certa reserva, o que é perfeitamente normal, pois segundo Lerner (2002) “*coordenar as perspectivas dos participantes de*

*uma capacitação docente está longe de ser simples”*¹ mas sem deixar de levar em conta os objetivos do Projeto, que na verdade eram os objetivos da escola, construir junto com os alunos caminhos para uma leitura prazerosa e sistemática e para a elaboração de textos próprios ou baseados em textos lidos.

Mas como inserir este projeto dentro do Currículo? Como criar novos tempos e espaços? Como envolver o grupo de professoras como um todo? A coordenação e as professoras do projeto, buscavam uma resposta. Muitas diziam: “ dentro da minha aula não cabe tudo isso”; “ eu já trabalho assim nas minhas aulas”....

Nesse momento foi necessário uma parada para refletir sobre qual era de fato o desejo da escola e quanto e como cada um dos envolvidos poderia contribuir para a efetivação do Projeto. Sair do lugar comum era mister, pois como afirma Lerner,

Articular a teoria da aprendizagem com as regras e exigências institucionais está longe de ser fácil: é preciso encontrar outra maneira de administrar o tempo, é preciso criar novos modos de controlar a aprendizagem, é preciso transformar a distribuição de papéis do professor e do aluno em relação à leitura, é preciso conciliar os objetivos institucionais com os objetivos pessoais dos alunos...²

Assim, aproveitando a organização flexível já desenvolvida com uma turma da escola, aula geminada com duas horas de duração, determinou-se estender a experiência a todas as turmas do segundo ciclo. Dessa forma estavam resolvidos os impasses **quando e onde**. Em uma equipe de quatro professoras uma assumiu a arte educação e outra língua portuguesa - resolvendo o problema **quem**. O suporte do trabalho coube à direção/coordenação, à equipe da biblioteca -bibliotecária, auxiliares de biblioteca e estagiárias e à secretaria.

2 – PROJETO CRIANÇA - DO QUE SE TRATA?

Necessário se faz que, antes do relato específico da experiência vivida , esclareçamos que o referencial e a formação do corpo docente que implantou o projeto na escola foi desenvolvido por uma equipe do Cenpec - Centro de Estudos e

¹ LERNER, 2002, p.17.

² LERNER, 2002, p.69.

Pesquisas em Educação, Cultura e Ação Comunitária e financiado pelo Instituto Algar/CTBC de Responsabilidade Social.

De fato, o projeto foi realmente tomando forma com o decorrer das ações e atividades propostas e realizadas pelo grupo das escolas selecionadas para o projeto piloto, pois como afirma Lerner (2002) *“elaborar uma boa versão(de um projeto ou ação) necessita não só de muitos ensaios, como também de uma reflexão crítica e profunda sobre o que se está realizando”*.³

Em síntese, o projeto pode ser assim explicado:

Projeto Criança é uma iniciativa do [Instituto Algar de Responsabilidade Social](#) que tem como foco o ensino e a aprendizagem da leitura e escrita da língua portuguesa. O Cenpec foi responsável pelo desenvolvimento de uma proposta curricular que articulasse a língua portuguesa e a arte educação. Adequando-se à realidade local, o projeto trabalhava a leitura dos clássicos da literatura aliados a festas e folguedos populares da localidade (festas locais como folia de reis e cavalgada) combinados à utilização do teatro como ferramenta para melhorar as competências leitoras.(...) algumas das escolas participantes tiveram resultados expressivos no Índice de Desenvolvimento da Educação Básica - IDEB.⁴

Em sua gênese o Projeto Criança partiu da ideia de que fosse possível uma articulação entre o ensino da língua e a arte educação. Para tanto apresentava quatro subprojetos: O Clube de Leitura, O Diário de Bordo, o Teatro na Língua Portuguesa e o Teatro no fazer artístico.

3 – CLUBES DE LEITURA - NOVIDADE OU REEDIÇÃO?

Como o primeiro subprojeto os Clubes de Leitura foram implantados em todas as turmas do segundo ciclo e em algumas do primeiro. O processo não foi complicado pois qual de nós, dentro da faixa dos 40 anos, não se lembra dos famosos “Clubes de Leitura”? As lembranças são sempre gostosas. Será que alguém ainda se lembra do formato? Como era constituído? Quais eram as atribuições dos membros? Que atividades eram realizadas pelos clubes?

³ LERNER,2002, p.79.

⁴ (<http://www.cenpec.org.br/modules/home>, consultado em 31/07/09).

No Projeto Criança o eixo norteador é o mesmo: um grupo fixo de alunos, um deles é escolhido como presidente e outro como secretário. O diferencial dessa nova versão é a inclusão da escrita como uma das habilidades a ser desenvolvida. Sistemáticamente, na maioria das turmas o Clube funciona assim: semanalmente, os alunos pegam emprestado livros na Biblioteca, leem e na semana posterior, registram os dados (título, autor, etc), fazem a avaliação da obra e resumem o enredo no caderno de literatura. Cada componente do clube de leitura, lê em voz alta seu resumo para os demais do grupo, que escolhem a melhor história. Esse resumo escolhido é registrado pelo secretário do grupo no caderno do Clube.

Outra atividade também realizada dentro do Clube é a leitura em voz alta feita pela professora, em capítulos, de um livro por ela escolhido ou sugerido pelos alunos. Os alunos fazem os registros necessários para a compreensão da história. No final a professora relaciona algumas perguntas que deverão ser respondidas usando-se a memória e alguns recursos dos registros do caderno. Essa atividade encontra respaldo na teoria de Lerner (2002), que afirma

Participar da cultura escrita supõe apropriar-se de uma tradição de leitura e escrita, supõe assumir uma herança cultural que envolve o exercício de diversas operações como os textos e a colocação em ação de conhecimentos sobre os textos; entre eles e seus autores; entre os próprios autores entre os autores, os textos e seu contexto...⁵

É importante frisar que essa sistematização do processo da leitura é deveras enriquecedora e contemplada por vários autores em seus estudos como Jolibert (1994) que afirma que ler para nutrir e estimular o imaginário pressupõe a leitura individual, em duplas, silenciosa.

4 – DIÁRIO DE BORDO - COMO USAR ESSE INSTRUMENTO?

O segundo subprojeto contemplado dentro da proposta é o Diário de Bordo. Para a aproximação com o gênero houve a leitura do livro Diário escondido de Serafina, da escritora Cristina Porto. A leitura foi inicialmente feita pelas professoras, depois em duplas, coletiva e individualmente de forma a chamar a atenção dos

⁵ LERNER, 2002, p.17.

alunos para as marcas características do gênero: data, subjetividade, registro de uma situação definida, dirigir-se a um leitor interessado e a produzir individualmente.

Quando o diário é trazido e apresentado para a turma mostrando qual é o seu sentido e significado, é possível construir e estabelecer uma relação de grande proximidade com a leitura e escrita porque nele se registrará fatos, acontecimentos importantes ou corriqueiros que a turma julgar pertinente naquele momento. E, isso, independe do nível de compreensão com o domínio da escrita pois é possível construir um diário com turma onde o professor no primeiro momento é o escriba.

Adotar essa prática, no cotidiano escolar, foi e tem sido motivo de grande incentivo para as crianças, independente do ano no ciclo, pois elas afetivamente criam um laço muito forte de amizade com seu diário e registram com tanta autonomia e propriedade que mesmo ainda em processo de alfabetização e letramento, demonstram durante a leitura em voz alta, a preocupação com o ouvinte entoando bem a voz e pontuando corretamente, mesmo quando se percebe que na escrita não houve esse cuidado. Essa assertiva nos remete a Scheneuwly (2004) quando afirma que *“os textos escritos ou orais que produzimos diferenciam-se uns dos outros e isso porque são produzidos em condições diferentes.”*⁶

Às vezes, durante o processo, surgem dificuldades em controlar a ansiedade em relação à escrita das crianças que apresentam muitos “erros” ortográficos, de concordância e pouco domínio em relação à pontuação. Mas com o tempo a percepção se aguça e os avanços se tornam perceptíveis a quem acompanha de perto a classe e até mesmo àqueles que, esporadicamente, vivenciam a prática.

5 – O TEATRO NA LÍNGUA PORTUGUESA E O TEATRO NO FAZER ARTÍSTICO

Até esse ponto o Projeto fluía bem, mas havia um certo descompasso na hora de incorporar à prática os outros dois subprojetos - O Teatro na Língua Portuguesa e o Teatro no Fazer Artístico. Aquele deveria ser incorporado ao Clube de Leitura, com a iniciação da leitura de obras literárias para o teatro. O segundo consistia no desenvolvimento de jogos teatrais para aumentar a expressividade dos alunos.

A leitura dos textos dramáticos mostrou-se complexa para a compreensão das

⁶ SCHENEUWLY, 2004, p.97.

crianças, pois as marcas do gênero - diálogos, rubricas, indicação de fala - sobrepunham-se à compreensão delas. Sabemos que não é lendo textos fáceis que se chega à leitura dos mais difíceis, mas devido à pouca idade das crianças, houve um ajuste ao formato inicial, respaldo encontrado nas teorias de Lerner (2002), quando ela afirma que

A escola é uma instituição que tem a responsabilidade de adequar os saberes às possibilidades cognitivas e aos conhecimentos prévios que as crianças têm em determinado momento.⁷

Trechos de textos narrativos eram reescritos e dramatizados nas aulas de arte e educação. Dessa forma o teatro perdeu um pouco de espaço mas o novo formato mostrava resultados bastante significativos.

A utilização da modalidade leitura em voz alta nesse processo é o grande diferencial. Durante os “ensaios” toda a dramaticidade e entonação é vivenciada com essa prática. As correções e os acertos são efetivados nesse momento. E é perfeitamente visível a evolução na leitura das crianças, principalmente no que tange à desinibição, socialização, preocupação com a pontuação, entonação apropriada, expressão facial e corporal, atenção, etc.

Outro ponto de relevância a ser destacado foi que esse formato eliminou da Escola o “teatro” somente como um fim em si mesmo, passando a fazer parte da rotina no aprendizado da língua portuguesa, tanto na leitura quanto na escrita. Nesse aspecto é bom lembrar as palavras de Scheneuwly (2004) que afirma ser possível ensinar a escrever textos e exprimir-se oralmente em diferentes situações.

6 – LEITURA DE UM CLÁSSICO - UM GRAN FINALE?

Como então amarrar todos esse alinhavos de atividades em uma estrutura de rotina para a leitura dos grandes clássicos da literatura mundial? A proposta é a elaboração de uma sequência de atividades, divididas em ateliês. Como sugestão das formadoras do Projeto Criança parte-se de uma festa popular (Carnaval, congadas, Folia de Reis, Páscoa...) até a leitura do livro escolhido passando por

⁷ LERNER, 2002, p.69.

várias atividades de leitura, escrita, jogos teatrais, pesquisa. O desenvolvimento de uma sequência envolve todo o coletivo da escola, pois nela são propostas atividades interdisciplinares (multidisciplinares).

No organograma apresentamos um esquema com a síntese de atividades para a leitura de alguns clássicos. É apenas um esboço, pois a montagem completa de uma sequência de atividades, depende da realidade pedagógica e organizacional de cada escola.

Quadro 1 – Síntese do organograma de atividades

Ponto de partida	Livro	Técnicas de Leitura	Produção Textual
Festa Junina	Romeu e Julieta	Em voz alta pela professora Em dupla pelos alunos Em voz alta pelos alunos	Convite Recado Carta
Cavalcada, congada	Robin Hood	Em voz alta pela professora Em voz alta pelos alunos Dramatizada	Contos (narrativas) de aventura
Movimento Hip Hop	Corcunda de Notre Dame	Em voz alta pela professora e pelos alunos. Silenciosa	Reescrita e produção de Rap's

7 – A BIBLIOTECA DA ESCOLA - QUAL O SEU PAPEL NO DESENVOLVIMENTO DO PROJETO?

O papel desempenhado pela biblioteca nesse projeto foi aquele que de direito, lhe cabe: ser a mola propulsora da leitura, ser a grande articuladora das ações desenvolvidas.

A biblioteca escolar como lugar de formação de leitores deve estar sempre aberta e ser interativa com seus usuários. *“O leitor não é formado somente dentro da sala de aula, mas a partir de toda uma bagagem cultural herdado do grupo*

*familiar, da comunidade*⁸. Uma biblioteca com acervo de qualidade, por si só, não garante o seu bom funcionamento, é preciso que o acervo seja bem trabalhado usando-se atividades diversificadas de modo a propiciar a vontade e o gosto pela leitura. Dessa forma a biblioteca desenvolveu as seguintes atividades de acordo com a leitura dos livros propostos:

Romeu e Julieta: Pesquisa de corredor – (Festa junina) Quadrilha; Além da dança; Tradições e crendices; Comidas típicas; Apresentação do filme Romeu e Julieta com “A turma da Mônica”.

Hobin Hood: Pesquisa de corredor – História dos calendários; Origem da festa da Semana Santa; Congada; Cavallhada; Símbolos Pascais. Exposição de figuras de heróis desenhadas pelas crianças.

Corcunda de Notre Dame: Pesquisa de corredor – Cultura do Hip Hop nos EUA e no Brasil; Elementos da cultura Hip Hop; Dança e cultura ciganas; Danças tradicionais brasileiras (catira, samba, congada). Museu de imagens: gravuras, livros, desenhos, mapas relacionados à França no período em que se passa a história. Apresentação, em Power Point, da biografia e bibliografia do autor Victor Hugo.

Nesta proposta de trabalho a biblioteca fez uma boa interação com a sala de aula, no que diz respeito ao projeto criança. Junto ao clube de leitura pode garantir a circulação de livros dos mais diversos gêneros, propiciando a oportunidade de conhecê-los, apreciá-los e produzir novos textos.

Segundo Silva (2005) a leitura mais produtiva é aquela capaz de gerar a reorganização das experiências do leitor em nível individual e coletivo, aquela capaz de gerar o máximo de conflito entre as interpretações.

Já o diário de bordo garantiu o registro das experiências com a leitura, com a produção de textos e com os jogos. “*Mais do que mera atividade lúdica, o jogo constitui-se como o cerne da manifestação da inteligência no ser humano*”⁹

O conhecimento de outros gêneros textuais dá embasamento para o aluno transformar um texto narrativo em um texto dramático. Isto só se tornou possível graças às diversas leituras feitas anteriormente nos clubes de leitura. Este trabalho foi garantido pela diversidade do acervo da biblioteca que abriga vários gêneros. A

⁸ HIGINO, 2007, p.118.

⁹ SPOLIN, 2008, p.29.

parceria das professoras com as profissionais da biblioteca garantiram o bom andamento do projeto, pois além do suporte e acesso ao acervo estes profissionais participaram ativamente do processo.

8 – E AS PEDRAS NO CAMINHO...

Sabemos que alterar rotinas não agrada a todos, principalmente levando-se em consideração espaço tão plural como a escola de 1º e 2º Ciclos. Dificuldades foram enfrentadas, mas deixaremos registradas aqui as três mais significativas e que mais comumente são enfrentadas. A primeira é, sem dúvida, a cultura escolar ainda se ater à ideia primária de que a leitura literária é de responsabilidade da disciplina Língua Portuguesa (Literatura); a segunda, e mais significativa no nosso caso, é o sistema de avaliações frequentes – internas, municipal (Avalia BH), estadual (Simave) e federal (Prova Brasil). O tempo gasto para o processo das avaliações tornou-se um dificultador, uma vez que havia um conteúdo curricular a ser respeitado; ainda nos cabe registrar uma terceira: a biblioteca escolar não dispõe de um espaço específico na grade curricular, pois como salienta Campello (2010) “*a biblioteca escolar é bastante conhecida como estoque de livros e informações*”. Cabe, portanto, aos profissionais em atuação nas bibliotecas escolares driblarem esse conceito e transformar a biblioteca em um lugar de ensino e aprendizagem equivalente às salas de aulas. O desafio foi lançado e, apesar dos desencontros curriculares, a biblioteca escolar se fez presente, não como coadjuvante mas como parte atuante no desenvolvimento do Projeto.

9 – CONSIDERAÇÕES FINAIS

A aventura dessa experiência teve um poder de transformação na rotina de trabalho na nossa escola. Em nenhum outro momento temos a oportunidade de ver uma interação e uma integração tão grande entre todos os funcionários, que são transformados de uma hora para outra em um agente do Projeto: o porteiro afixa a cortina, a auxiliar de serviço prepara as roupas, a mecanógrafa prepara as cópias do texto, os profissionais da secretaria gerenciam a materialidade, a

direção/coordenação viabiliza o onde, o quando e o como, as profissionais da biblioteca se multiplicam para atender a todas as demandas, e as professoras? Essas, “arregaçam as mangas” e fazem a festa acontecer.

10 – REFERÊNCIAS

CAMPELLO, Bernadete. A competência informacional na educação para o século XXI. In.: **A biblioteca escolar: temas para uma prática pedagógica**. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2003.

HIGINO, Anderson, BARBOSA, Clarisse, PEREIRA, Maria Antonieta. **Formando leitores de telas e textos**. Belo Horizonte: Linha Editorial Tela e Texto, FALE/UFMG, 2007.

JOLIBERT, Josette. **Formando crianças leitoras**. Porto Alegre. Artmed. 1994.

LERNER, Delia. **Ler e escrever na escola: o real, o possível e o necessário**; tradução Ernani Rosa. Porto Alegre: Artmed, 2002.

MATE, Alexandre. Um olhar sobre a história e o fazer teatral. In.: **Educação com arte / ideias**. São Paulo: FDE, 2004.

PROJETO CRIANÇA. Disponível em <http://www.cenpec.org.br/modules/home>. Acesso em: 31 de julho de 2009.

RIBEIRO, Jonas. **Colcha de leituras: unindo amores. Alinhavando leitores...** São Paulo: Elementar, 2002

SCHENEUWLY, Dolz ET al. Gêneros orais e escritos na escola. São Paulo: Mercado de letras. 2004.

SILVA, Ezequiel Theodoro da. Leitura na escola e na biblioteca. Campinas, SP: Papyrus, 2005.

SPOLIN, Viola. Jogos teatrais na sala de aula. São Paulo: Perspectiva, 2008.